Fotos: Carlos Moura

MARIA ANITA (D) COM AS FUXIQUEIRAS DA ASSOCIAÇÃO: "UM DIA, TODO NOSSO ESFORÇO SERÁ RECONHECIDO"

Mulheres mostram sua força

Ela chegou ao Varjão há 26 anos. "Aqui era só mato e chácaras", lembra Maria Anita da Silva, maranhense de 46 anos. O tempo passou. A desordem urbana na cidade aumentou. Na primeira grande derrubada de barracos, em maio de 2000, ela invadiu a sala do então administrador do Lago Norte.

— Por que o senhor está fazendo isso? Tem mulher com criança no colo.

O administrador, diante da insistência daquela mulher, perguntou:

— Quem é a senhora?

— Eu moro no Varjão e tô aqui lutando pelos direitos dos moradores.

Maria Anita saiu dali com a certeza de que as derrubadas seriam realizadas com critério. E foram. "As pessoas não sabem que têm direitos e deveres."

Quatro anos depois daquela conversa, Maria Anita tornou-se a presidente da Associação de Mulheres em Ação do Varjão, entidade não-governamental. De porta em porta, arrebanhou as mulheres da cidade. Hoje, 260 integram o movimento.

Elas fazem cursos de informática, fuxico (retalhos de pano que se transformam em bolsas, cintos, almofadas, colchas), bonecas de pano. Depois de pronto, vendem os produtos na comunidade, em bazares e até em lojas. O dinheiro arrecadado se transforma em renda.

Com apoio da Ong Moradia e Cidadania, algumas mulheres foram encaminhadas para cursos de hotelaria — copeira, arrumadeira, camareira. "Nosso sonho é colocar todas no mercado de trabalho. Fazer com que voltem a estudar", diz Anita, que só estudou até o 1º ano do 2º grau.

Enquanto lutam para ter dignidade e conquistar a sonhada cidadania, elas falam de preconceito e discriminação. "As pessoas do Lago Norte acham que no Varjão só tem bandido. Mas a maioria se serve da nossa mão-de-obra. As empregadas domésticas, os jardineiros, as babás, as faxineiras. Todos saem daqui", avalia Márcia Marinho Sampaio, 22. Josenilde Pimentel, 30, emenda: "Dizem que aqui tem muita droga, mas tem porque muitos dos filhos de gente rica do Lago Norte vêm comprar. Eles é que sustentam os traficantes do Varjão".

Entre bonecas de pano e fuxicos, uma vida inteira passa pela cabeça daquelas mulheres. Márcia planeja: "Quero que a minha filha brinque em parques do Varjão. Um dia, quero ter orgulho de morar aqui". Anita, a guerreira, suspira: "Um dia, todo nosso esforço será reconhecido".

Um projeto para jovens

Ele só estudou até o 1º ano primário. Nem precisaria mais. Abdenaldo Batista Gama — conhecido como Bidé — é autodidata. Com sensibilidade aguçada, esse piauiense de 43 anos, casado, três filhos, percebeu que faltava estímulo para os jovens do Varjão. Chamou-os para entrar num movimento de arte e dança. Fundou, há seis anos, a Galera dos Matutos — Grupo Folclórico Cultural Desportivo e Quadrilha Junina, uma Ong com estatuto e documento em cartório.

Começou com 15. Hoje, são mais de 200 adolescentes entre 12 a 17 anos. "Muitos que poderiam estar nas ruas, agora dançam, representam, fazem curso de informática."

OS ENSAIOS DA QUADRILHA JUNINA COMEÇAM NO INÍCIO DO ANO

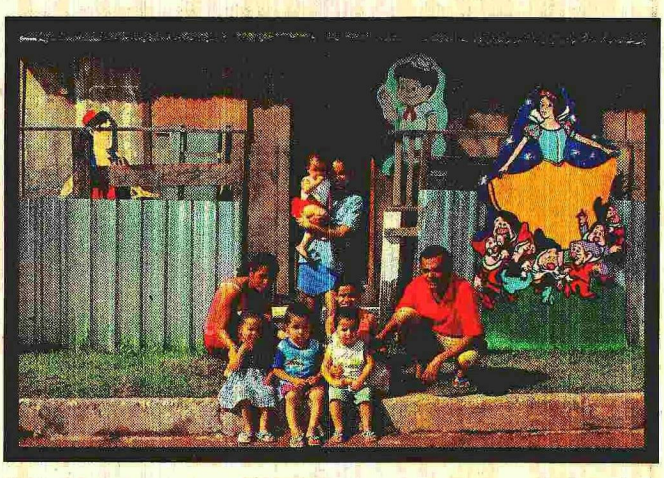
As apresentações em festas juninas são o ponto alto das atividades. Desde o início do ano, eles ensaiam. Bidé não aceita erros. O mesmo passo, se incorreto, é repetido até a perfeição. No barraco humilde dele, estão os troféus pelas premiações nas festas juninas, seu maior orgulho.

"Se eu sou feliz morando nesse lugar? Claro. Uma vez andei na horinha de ir embora daqui, mas depois pensei: 'Como vou deixar essa comunidade?' Quando você consegue realizar as coisas, a vida fica mais fácil. Até no Varjão".

Gente em busca de um sonho

Um dia, ele adoeceu. O coração fraquejou. O borracheiro Enemias dos Santos, 34 anos, viu-se sem rumo. Como sustentaria a mulher Doralice Santos, 33, e as três filhas? No lugar onde mora há 17 anos, veio a solução. Arrumou o barraco de madeirite humilde. Pintou. Colocou desenhos e fotos da Branca de Neve, do Mickey, do Pato Donald.

Uma placa na porta indicava o serviço: *Cuida-se de criança*. Mães domésticas, que não tinham onde deixar os filhos, procuraram o barraco. No começo, chegaram três. Nas férias, mais de 15. O pagamento é de acordo com a condição financeira da mãe.



DORALICE E PERCIVAL (SENTADOS) COM AS CRIANÇAS DA CRECHE

Doralice se desdobra para cuidar das crianças. "Aqui no Varjão, a gente aprende a dividir, a socorrer quem precisa", reflete Doralice.

Depois da ponte, há mais que creche, dança, quadrilha e fuxico. Há gente, que gosta de ser tratada como gente.